



Eixo temático: Metodologias Inovadoras em Educação, Tecnologia e Saúde.

AUMENTO DOS ÍNDICES DE INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO EM PACIENTES PÓS-COVID-19

**Jéssely Lorrary Vilar da Silva¹; Ruth Gomes de Sá²
e Andrea Kedima Diniz Cavalcanti Tenório³**

INTRODUÇÃO

O Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) caracteriza-se pela interrupção súbita do fluxo sanguíneo coronariano (Souza; Pinheiro; Oliveira, 2020), geralmente associada à ruptura de placas ateroscleróticas e à formação de trombos, ocasionando necrose e em muitos casos, morte súbita. Em sua relevância, o IAM foi e continua sendo uma das principais causas de mortalidade no mundo contemporâneo, exigindo importante alerta para os sistemas de saúde devido à sua elevada incidência e às sequelas clínicas que ocasiona.

A resposta inflamatória exacerbada, também chamada de "tempestade de citocinas", é um dos principais fatores que contribui para a lesão endotelial (De Melo; Melo, 2023), promovendo um estado pró-trombótico que favorece tanto microtromboses quanto eventos coronarianos mais graves.

Vale denotar que, ao analisar percebeu-se uma incidência maior quanto a patologia após a pandemia da COVID-19, provocada pelo vírus SARS-CoV-2, pessoas de diversas idades, que não estão entre os grupos de risco para desenvoltura precoce da doença, estão sendo admitidas na unidade de pronto atendimento e por muitas vezes, findando a sua vida precocemente, fato que intensificou as preocupações relacionadas ao sistema cardiovascular (De Melo; Melo, 2023; Silva; Souza; Oliveira, 2023).

No entanto, além do impacto fisiopatológico do vírus, o papel da equipe de enfermagem é fundamental para o acompanhamento e manejo desses pacientes no pós-COVID, a

¹ Graduanda em Enfermagem do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) Email: Jesselylorrary0@gmail.com;

² Graduando(a) em Enfermagem do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS);

³ Doutora em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia-UFBA; Docente de Enfermagem no Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) E-mail: andrea.tenorio@unirios.edu.br.



enfermagem tem se destacado como linha de frente no reconhecimento precoce dos sinais de complicações cardiovasculares e no manejo integral desses pacientes. A equipe de enfermagem é fundamental para garantir a identificação precoce de sinais de infarto, realizar o monitoramento contínuo das condições cardiovasculares e fornecer orientações educativas sobre a adesão ao tratamento e a modificação de fatores de risco, sendo um papel indispensável, especialmente considerando que muitos dos sintomas pós-COVID, como fadiga, palpitações e dor torácica, podem ser confundidos com manifestações iniciais de infarto (Brandão; Andrade; Feitosa, 2020; Silva; Pereira; Oliveira, 2023).

OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo discutir a relação entre a infecção por COVID-19 e o aumento da incidência de Infarto Agudo do Miocárdio em pacientes pós-COVID-19, com destaque para a atuação da equipe de enfermagem na identificação precoce de sintomas cardiovasculares e na implementação de estratégias de prevenção.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, de caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. As buscas foram realizadas entre abril e agosto de 2025 nas bases de dados indexadas à Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), como SCIELO, LILACS, BDENF e MEDLINE, além do PubMed. Para a localização dos artigos, foram utilizados os descritores em português e inglês, combinados com operadores booleanos, sendo eles: “Infarto Agudo do Miocárdio” AND “COVID-19” AND “Enfermagem”, bem como “Myocardial Infarction” AND “COVID-19” AND “Nursing”.

Foram incluídos artigos originais publicados nos últimos dez anos, disponíveis na íntegra de forma gratuita, escritos em português ou inglês e que apresentassem relação direta entre a COVID-19 e as complicações cardiovasculares, em especial o Infarto Agudo do Miocárdio, destacando a atuação da enfermagem. Excluíram-se estudos duplicados, trabalhos acadêmicos como teses e dissertações, publicações sem acesso completo e aqueles que não



abordassem de maneira direta a temática proposta. A busca inicial resultou em 162 artigos, dos quais, após leitura de títulos e resumos, 30 foram selecionados para leitura integral e, ao final, 10 compuseram a amostra que subsidiou esta revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A relação entre a infecção e o aumento do risco de Infarto Agudo do Miocárdio foi observada e validada em estudos recentes, com evidências de que o risco de complicações cardiovasculares, como o infarto, aumentou significativamente em pacientes pós-covid, independentemente da faixa etária. Embora essa patologia seja mais frequente em pacientes com comorbidades, como (hipertensão arterial e diabetes mellitus), tem-se observado que até pacientes sem histórico de doenças cardíacas prévias também apresentam maior risco de sofrer infarto após a infecção viral.

O desenvolvimento do IAM no contexto pós infecção, pode ser compreendido a partir de duas principais vias fisiopatológicas associadas à infecção viral: inflamação sistêmica e disfunção endotelial. O SARS-CoV-2, ao adentrar nas células do organismo, desencadeia uma resposta inflamatória exacerbada, conhecida como “tempestade de citocinas” a fim de combater essa invasão. Esse processo aumenta a liberação de mediadores inflamatórios que, por sua vez, comprometem a integridade do endotélio vascular, facilitando a formação de trombos (coágulos sanguíneos) que obstruem as artérias coronárias.

Além disso, a infecção por COVID-19 afeta diretamente o sistema renina-angiotensina (desempenha papel indispensável na regulação de equilíbrio de fluidos e eleutrólitos, na homeostase cardiovascular, regulação da pressão arterial e do volume sanguíneo), o que pode levar a uma descompensação (aumento) da pressão arterial e disfunção vascular (BRANDÃO *et al.*, 2020), fatores que são tradicionalmente associados ao risco de IAM. Ademais, a interação do SARS-CoV-2 com os receptores ECA-2 no tecido cardíaco potencializa o processo inflamatório e aumenta a propensão à formação de placas ateroscleróticas instáveis, fator potencializante no desenvolvimento de IAM.

As complicações não se restringem a pacientes idosos ou com fatores de risco conhecidos, mas abrangem uma gama mais ampla de pacientes, incluindo os jovens, o que torna esse fenômeno ainda mais alarmante (Silva; Souza; Oliveira, 2023). Nesse cenário, o papel da



enfermagem se torna essencial cada vez mais, o enfermeiro está na linha de frente do manejo desses pacientes e deve ser capaz de realizar o monitoramento contínuo da saúde cardiovascular dos pacientes pós-COVID, detectando precocemente sinais de instabilidade, como dor no peito, dificuldade respiratória, arritmias e outros sinais que possam indicar o início de um infarto, não apenas correlacionando a ansiedade (outra pandemia entre os jovens).

A detecção precoce e a intervenção imediata são primordiais para evitar complicações graves e melhorar os desfechos clínicos, já que muitos pacientes além de já terem sido alvo do vírus, enfrentam também desafios relacionados a hábitos de vida não saudáveis, como: sedentarismo, alimentação inadequada e tabagismo, que são fatores de risco para doenças cardiovasculares.

O enfermeiro, pode agir como um facilitador, orientando o paciente sobre a importância da adesão ao tratamento, do controle da pressão arterial, do controle do peso corporal e da redução de fatores de risco modificáveis (como tabagismo e sedentarismo), além de incentivá-los a adotar hábitos saudáveis, como a prática de atividades físicas e uma alimentação equilibrada. Outro ponto obrigatório, é a análise clínica diferencial entre os sintomas típicos da COVID-19 e os sinais precoces de IAM, são eles: Sintomas como fadiga, arritmias, dispneia e dor torácica (irradiando para braço esquerdo), identificando com achados clínicos relatados e observados.

A capacitação contínua dos profissionais de enfermagem é fundamental para reconhecer essas situações e intervir rapidamente, realizando o monitoramento rigoroso e, para saber diferenciar fadiga pós COVID e indícios de IAM, encaminhando o paciente para o atendimento especializado, além disso, a atuação multiprofissional é essencial para o manejo desses pacientes, enfermeiros devem atuar de maneira integrada com cardiologistas e outros profissionais de saúde para garantir que o paciente tenha um acompanhamento adequado e uma gestão efetiva dos fatores de risco cardiovascular pós-COVID, promovendo estratégias de prevenção secundária como o (uso de monitores de ECG, aferição da PA e SPo2, histórico médico detalhado, exame físico com ênfase na ausculta, presença de edema que indica sobrecarga circulatória).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento de casos de Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) após a infecção por COVID-19, que tem sido notado de maneira ascendente em indivíduos de todas as faixas etárias, evidencia a necessidade premente de um tratamento mais eficiente para esses pacientes e maior capacitação da equipe, principalmente de enfermagem (Silva; Souza; Oliveira, 2023). A forte resposta inflamatória e a disfunção do endotélio geradas pela COVID, desempenham um papel determinante no aumento da frequência de IAM impactando não apenas aqueles com condições pré-existentes, mas também os que não apresentam antecedentes de doenças cardíacas.

Dentro desse cenário, a equipe de enfermagem atua de maneira indispensável, tanto na identificação antecipada de sinais de complicações cardiovasculares quanto na promoção de educação em saúde e na prevenção secundária (Silva; Pereira; Oliveira, 2023), necessitando que estejam adequadamente treinados para reconhecer os sintomas de um infarto e para agir de forma ágil e eficiente, trabalhando em conjunto com outras equipes de saúde para assegurar um tratamento completo e contínuo dos pacientes, para que assim resulte em uma diminuição significativa das complicações cardiovasculares, contribuindo para melhores resultados para os pacientes que se recuperaram da COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE

Infarto Agudo do Miocárdio. COVID-19. Complicações Cardiovasculares. Enfermagem.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S.C.S.; ANDRADE, A.W.; FEITOSA, A.D.M. COVID19 e coração manual prático de condutas. 1^a Edição | 20 de abril de 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/37571/1/COVID19%20e%20cora%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

DE MELO, F. H.; MELO, L. H. L. Complicações cardiovasculares pós-COVID-19. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, v. 23, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reamed.e11726.2023>. Acesso em: 14 set. 2025.

SILVA, M. R.; PEREIRA, A. L.; LIMA, T. P. Complicações cardiovasculares associadas à



infecção por COVID-19: uma análise clínica. *Clinical Microbiology and Infection*, v. 27, n. 9, p. 1345-1351, 2021. DOI: 10.1016/j.cmi.2021.06.015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cmi.2021.06.015>. Acesso em: 14 set. 2025.

SILVA, J. C.; PEREIRA, M. S.; OLIVEIRA, J. S. A importância do diagnóstico precoce do infarto agudo do miocárdio no contexto pós-COVID-19. *Revista Brasileira de Medicina*, v. 32, n. 3, p. 45-59, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/1186/986>. Acesso em: 11set. 2025.

SILVA, A. R.; SOUZA, M. F.; OLIVEIRA, T. S. Aumento da incidência de complicações cardiovasculares pós-COVID-19. *Acervo Médico*, v. 28, n. 3, p. 123-132, 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/11726/7012>. Acesso em: 11set. 2025.

SOUZA, J. P.; PINHEIRO, D. M.; OLIVEIRA, T. S. Aumento da incidência de Infarto Agudo do Miocárdio após infecção por COVID-19: uma análise de estudo brasileiro. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 115, n. 5, p. 766-774, 2020. DOI: 10.36660/abc.20200972. Disponível em: <https://doi.org/10.36660/abc.20200972> Acesso em: 14 set. 2025.